

Zenha avança

"Nova República,
nova Democracia"
será o "slogan"
da campanha ZAP

DL 15-11-85



Fundação Cuidar o Futuro

• Sei o que vou fazer com os poderes que terei



- o
- o
- o

Zenha na corrida para Belém

‘F...amento’

Fundação Cuidar o Futuro

FONTE DE INFORMAÇÃO

Diário de Lisboa

Nº DE REGISTO

/AJ

DATA

15.11.85

Nº

PÁG

3

Zenha na corrida para Belém

'Enquanto Presidente serei apenas português e democrata'

Sob o lema «Nova Democracia-Nova República», Salgado Zenha, 62 anos, advogado, ex-dirigente e ex-militante do PS, apresentou esta manhã, num hotel de Lisboa, a sua candidatura à Presidência da República. Dezenas de figuras da vida política e cultural portuguesa e numerosos jornalistas, nomeadamente da RTP, ouviram as razões, princípios e valores avançados pelo novo candidato para justificar a sua entrada na corrida para Belém.

Deputados do PRD, antigos deputados e dirigentes do PS (Henrique de Barros, Arnaut, Aquilino Ribeiro Machado, Vasco da Gama Fernandes, Gualter Basílio, Soares Louro, Teresa Ambrósio, Fernando Loureiro), membros do Conselho de Estado (Melo Antunes e Miguel Galvão Teles), escritores (David Mourão-Ferreira, Manuel da Fonseca, José Sara-mago, Urbano Tavares Rodrigues e Baptista Bastos, entre outros) e ainda figuras como Emídio Guerreiro, Alcina Bastos, Cunha Leal, Xencora Camotim, Fernando Piteira Santos e Joaquim Letria, assistiram e aplaudiram a intervenção de Salgado Zenha.

Contra a corrupção

A democracia que temos «é uma democracia achacada por vários vícios, como o clientelismo, a irresponsabilidade, a corrupção, o centralismo, a desigualdade perante a lei e a falta de informação necessária para o exercício consciente das liber-

dades públicas, a injustiça social, e por vezes, a miséria», sublinhou o candidato ao explicar porque razão defende uma «Nova Democracia».

Quanto à necessidade de uma «Nova República», considerou que «a República só vale se for um instrumento da própria democracia e um meio de progresso nacional».

«A liberdade — disse — tem de ser um meio de realização nacional e não uma série de discursos a incitarem-nos a copiar as instituições estrangeiras, por mais respeitáveis que possam ser».

Criticou a cópia «a papel químico» de instituições ou práticas estrangeiras, como «pretexto para o restabelecimento da dominação de uma coligação partidária de que o seu proponente foi e é um dos líderes» e como «demonstração da incapacidade de alguns em viabilizar o nosso futuro».

Prometeu Salgado Zenha, se for eleito PR, respeitar as instituições constitucionais vigentes no âmbito do que consi-



David Mourão Ferreira, Henrique de Barros, Piteira Santos, Cunha Leal e António Arnaut foram algumas das personalidades presentes na apresentação da candidatura da República.

derou «princípio da lealdade democrática», apesar de discordar da diminuição (pela revisão constitucional de 1982) dos poderes presidenciais, e da «regionalização administrativa simultânea de todo o Portugal Continental».

Frisou, a propósito, que respeitará qualquer fórmula governativa, maioritária ou minoritária, desde que ela tenha o apoio parlamentar «por forma tácita ou expressa nos termos constitucionais», para advertir que, uma vez eleito, não renunciará «na mínima parcela, aos poderes que a Constituição confere ao Presidente

poder instalado».

Lembrou ainda Salgado Zenha que liberdade «tem de estar associada à responsabilidade» para criticar a violação dos diplomas que obrigam os partidos a publicar anualmente, na folha oficial, as suas contas e que estabelecem que os orçamentos têm de estar aprovados pelo Parlamento antes do fim do ano.

«Como podem os governantes e os candidatos a governantes exigir dos cidadãos o cumprimento dos deveres destes, se eles não começarem por cumprir os seus?», perguntou a propósito.

Defendeu, por outro lado, uma descentralização regional «concebida e executada como uma difusão da responsabilidade e da informação» e não como o «parcelamento do Estado central em várias regiões centralistas, enfermado dos mesmos vícios clientelares e feudais».

A sua perspectiva de «nova democracia» exclui ainda — disse — quer o regresso «a esquemas ultrapassados de liberalismo económico», quer «fórmulas de colectivismo burocrático», antes implicando «a convivência dos sectores económico — público, cooperativo e privado — e a existência de efectivas garantias para cada um».

«Implica, enfim — acrescentou — o estímulo da criatividade social, da mudança cultural, da evolução da mentalidade democrática e da vivência da liberdade».

«Português e democrata»

Adiantou Zenha também que, tal como estabelece a Constituição, não pretende, enquanto PR, governar. Todavia — frisou — o PR «não poderá ser indiferente às carências que os portugueses sofrem, às privações que caem sobre tantos, ao desânimo que frustrações sucessivas foram instalando».

«O Presidente da República — venceu — não pode renunciar à sua cidadania, nem à fraternidade, nem à solidariedade nacional.»

Disse respeitar, enquanto PR, os compromissos decorrentes da nossa integração na NATO mas «sem subserviências nem sujeições de qualquer natureza» e, relativamente à adesão à CEE considerou-a irreversível. «No entanto — acrescentou — os termos da adesão não deverão ser considerados um quadro jurídico fechado e inalterável».

Garantiu ainda que estará atento e interessado no «desenvolvimento harmonioso e equilibrado» das relações com os Estados africanos de expressão portuguesa e estimulará «todas as iniciativas que visem a diversidade das relações políticas, económicas e culturais, em todos os quadrantes».

Acentuou, finalmente, que a sua candidatura é obviamente «apartidária e independente» lembrando que, embora «socialista democrático» não pertence a nenhum partido e que «enquanto PR será apenas «português e democrata».

Biografia

Francisco Salgado Zenha, antigo número dois do PS, anunciou hoje oficialmente a sua candidatura ao cargo mais alto do Estado, depois de ter abandonado o partido que ajudou a fundar.

Zenha entra na corrida para Belém com apoios de personalidades próximas do Presidente da República e contra Mário Soares, com quem se incompatibilizou em 1980.

Nascido em Braga, em 2 de Maio de 1923, no seio de uma família católica, Salgado Zenha iniciou a sua actividade política com a fundação do MUD Juvenil, depois de ter presidido, com 21 anos, à Associação Académica de Coimbra.

Conheceu Mário Soares quando era estudante e desde essa altura se iniciou uma longa amizade, que veio a terminar em 1980, com a ruptura política entre os dois dirigentes socialistas.

Participam juntos em diversos movimentos, nomeadamente na Resistência Republicana e Socialista, 1955, Acção Socialista Portuguesa, em 1965 e depois no Partido Socialista, que fundaram em 1973.

Ambos participaram ainda em todas as campanhas da oposição ao regime de Salazar e de Caetano, nomeadamente as presidenciais de Norton de Matos e de Humberto Delgado e em listas de oposição democrática da CDE e da CEUD.

Em 1975 lado a lado, foram aclamados pela multidão no célebre comício da Fonte Luminosa, com gritos de «Soares e Zenha, não há quem os detenha».

O corte com Mário Soares dá-se em 1980, quando o secretário-geral do PS decide retirar o apoio a Ramalho Eanes, contra a maioria do partido.

Em 1981, apresenta-se em congresso como alternativa a Mário Soares, tendo a lista que encabeçava sido derrotada.

Em 1982 é convidado a demitir-se do cargo de presidente do grupo parlamentar do PS, sendo-lhe ao mesmo tempo movido um processo disciplinar que, no entanto, não teve qualquer resultado.

A partir de 1983 não desempenhou qualquer cargo no partido, e dedicou-se exclusivamente à sua carreira de advogado, sendo actualmente defensor de um dos réus do processo FP-25.

Na passada segunda-feira Salgado Zenha enviou a António Macedo uma carta demitindo-se de militante do partido, primeiro passo no sentido da sua candidatura à Presidência da República.

Zenha avançou com a candidatura depois de Costa Brás ter anunciado sucessivamente a sua disponibilidade para se candidatar, ter dito em entrevista que existiam as condições necessárias para formalizar a candidatura e finalmente retirar a disponibilidade, tudo isto no prazo de cerca de 15 dias.

Ao entrar na corrida para Belém, Salgado Zenha, em cuja campanha eleitoral Manuela Eanes está disposta a colaborar, segundo revela hoje o semanário «O Jornal», vai enfrentar de novo Mário Soares, só que desta vez em escrutínio à escala do País.

Responsabilidade

Relativamente ainda à Informação, disse ser «indispensável garantir que os meios de Comunicação Social não sejam e não continuem a ser, muitas vezes, meros instrumentos do

